

No Palácio de Lótus

Higor Lima da Silva*

Licenciando em Letras Português-Francês, pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Pelo apoio da Center For Language Education and Cooperation (CLEC), conseguiu experiência internacional pela Hebei Foreign Studies University (HFSU), Hebei Normal University (HEBNU), Hubei University (HUBU), Southeast University (SEU), Shanxi University of Finance and Economics (SXUFE), Sun Yat-sen University (SYSU) e University of International Business and Economics (UIBE).

 <https://orcid.org/0000-0002-9599-1729>

Recebido em: 09 jan. 2022. Aprovado em: 07 fev. 2022.

Como citar este poema:

SILVA, Higor Lima da. No Palácio de Lótus. *Revista Letras Raras*, v. 11, n. 2, p. 304-305, jul. 2022.

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.8215472>

RESUMO

No cotidiano mundial, por conta das mortes pelo coronavírus, os afetos que coexistem com o luto ficaram mais presentes na memória coletiva. Com efeito, o presente poema parte de uma *aisthesis* a uma *kátharsis* para trazer ao leitor uma experiência estética do livramento do sofrimento de estar separado de quem se ama. E é considerando que neste ano se comemora os 800 anos de nascimento do Grande Mestre Nitiren Daibossatsu, que é muito importante ao Budismo, que o poema em homenagem a ele traz um léxico que reflete seus ensinamentos. Portanto, em suma, “Palácio de Lótus” significa “templo budista” (Nitiren ensinou o Sutra Lótus); “kalpas” é uma medida de tempo praticamente incalculável; “Gohonzon” é a Mandala Sagrada da prática do Sutra Lótus; “Saha” refere-se ao mundo dos humanos; “quatro mares” refere-se a um país, ao mundo ou aos mares entorno de Sumeru (nome de uma montanha tanto física quanto espiritual); “cisne” simboliza um ser que vive em partida e distanciamento de quem ama; “bossatsu” é o estado de pleno altruísmo onde se almeja mais a iluminação alheia do que a própria; “branco” representa a morte, luto e sofrimento; “sakura” é traduzida por cerejeira (os japoneses esperam anualmente a alegria de vê-la florescer, mas sua floração bela é curta e frágil, trazendo melancolia pela efemeridade); “lanternas” são as lanternas flutuantes; e a “lua” representa os ensinamentos budistas.

Três mil *kalpas* de renascimentos não extinguem a reminiscência.

Dez mil *li* de distância não envelhecem as memórias, e,

um rio da mesma proporção, em suas enxurradas, não o leva de mim.

A fragrância do realgar exala de meu ser.

Esperança contra Esperança,

incensos e velas a queimarem incessantemente,

selando entre os mundos nosso coração.

*



higorlimadasilva@hotmail.com

Destinado a vagar pelos Seis Mundos do *Samsara*,
solidão que toma conta de meu ser.
Palmas juntas: voz que lhe chama
por dez mil vezes, por toda uma eternidade.

No Palácio de Lótus, gentilmente ajoelho meus olhos ao *Gohonzon*.
Deixar no Mundo *Saha* o odor das flores;
nos quatro mares, as fervidas lágrimas vertidas.
De cisne, renascer *bossatsu*.

Sem amor-paixão,
não mais envelhecer,
neste mundo confuso e vazio de você.

Votos quebrados no segundo em que foram pronunciados.
Deserto branco para trás.
A procura do desabrochar da *sakura* de seu olhar, enterrada.

O único a lembrar do mais belo abaixo de *Sumeru*,
em fenecer deixa o lírio-da-paz, agora, sozinho
com a fraca garoa de outono.

Lanternas ao céu procurar estrelas, não mais importam.
Eu e a lua, apenas um.
Eu e você: indistinguível.